

SOBRE AS ORIGENS DE BEOWULF: UMA REFLEXÃO A RESPEITO DO CENÁRIO SOCIOPOLÍTICO E DA COMPOSIÇÃO DO POEMA NA INGLATERRA DOS SÉCULOS IX - X

About the origins of Beowulf: a reflection on the sociopolitical scenario and the composition of the poem in England in the 9th - 10th centuries

Dr. Elton Oliveira Souza Medeiros
Professor de História Antiga e Medieval da UFOP

ORCID: [0000-0002-9901-014X](https://orcid.org/0000-0002-9901-014X)

E-mail: eosmedeiros@alumni.usp.br

Luiz Felipe Rodrigues Moreira Alves
Licenciado em História pela Universidade Sumaré

ORCID: [0009-0009-1692-7322](https://orcid.org/0009-0009-1692-7322)

E-mail: moreirainf012@gmail.com

José Luiz Ferreira Júnior
Licenciado em História pela Universidade Sumaré

ORCID: [0009-0005-7162-9580](https://orcid.org/0009-0005-7162-9580)

E-mail: jl_ferreira16@hotmail.com

Willian Aros França
Licenciado em História pela Universidade Sumaré

ORCID: [0009-0003-5522-8037](https://orcid.org/0009-0003-5522-8037)

E-mail: wilddavid2018@gmail.com

Recebido em: 07/04/2022

Aprovado em: 11/07/2022

Resumo: Esse artigo tem como objetivo apresentar um novo ponto de vista acerca da origem do poema *Beowulf*, explorando a partir de uma perspectiva política e social da Inglaterra medieval dos séculos IX e X. Será apresentado possibilidades de um ambiente onde se tornou possível a composição do poema, para tanto, a partir do manuscrito existente na atualidade (século X – XI), buscar uma análise a respeito de possibilidades de composição do poema e de suas origens. Abordaremos indícios de uma possível mescla de culturas tanto anglo-saxônicas-saxônicas como Escandinava. Partindo disso, tentar compreender pontos importantes que nos possibilita essa nova dinâmica.

Palavras-chave: Beowulf; Cultura Escandinava Medieval; Cultura Inglesa Medieval; Sincretismo Cultural; Idade Média.

Abstract: This article aims to present a new point of view about the origin of the poem *Beowulf*, exploring from a political and social perspective of medieval England in the 9th and 10th centuries, therefore, based on the existing manuscript (10th – 11th century), to seek an analysis about the possibilities of composition of the poem and its origins. We will discuss evidence of a possible mix of cultures both Anglo-Saxon-Saxon and Scandinavian. Based on this, try to understand important points that make this new dynamic possible.

Keywords: Beowulf; Medieval Scandinavian Culture; Medieval English Culture; Cultural Sincretism; Middle Ages.

1. Introdução

Ao se realizar a leitura do poema *Beowulf*, um ponto que se destaca rapidamente aos olhos de um leitor mais atento nos diferentes cenários históricos europeus é a mescla de elementos do período da Inglaterra Anglo-Saxônica e da Escandinávia medieval, além de uma presença de simbologias e mentalidades cristãs ao longo de todo o poema. Um exemplo dessas características se faz presente no fato de que o poema foi escrito em inglês antigo, porém sua história se passa na Escandinávia.

Um exemplo mais claro se dá com o autor descrevendo, com elementos do antigo testamento cristão, a criatura Grendel, que havia vivido por muito tempo em conjunto com outras criaturas banidas por Deus, a “Linhagem de Caim”, pelo assassinato de Abel:

sipðan him scyppend forscriften hæfde
in Caines cynne þone cwealm gewræc
ece drihten þæs þe he Abel slog
ne gefeah he þære fæhðe ac he hine feor forwræc,
metod for þy mane mancynne fram.

[“uma vez que o Criador o tinha condenado
como da raça de Caim; quando foi vingado o assassinato
que matou Abe pelo Senhor eterno;
ele não teve nenhuma alegria com tal hostilidade, pois ele foi
banido para longe,
por Deus, da presença de outros homens por este crime.”]
(Tradução nossa)

Podemos observar essa e outras passagens presentes em *Beowulf*, é possível detectarmos indícios de uma mescla de elementos que remetem a cultura cristã Anglo-Saxônica e elementos de característica de um universo mitológico pré-cristão (Tolkien), é possível então nos perguntarmos o porquê desta mescla, e qual seria a motivação do autor (ou autores) que trabalharam no poema em realizar essa fusão das culturas dos dois povos. É possível nos perguntarmos também, se existia um objetivo claro do autor com

isso, talvez seja possível compreendermos melhor esses questionamentos ao observarmos o contexto da Inglaterra Medieval do século IX e X.

Outra passagem que vale a citação é logo no início do poema, onde temos o funeral do rei Scyld, com todo um aparato e costumes escandinavos dignos de um rei:

Hwæt! We Gardena in geardagum
þeodcyninga þrym gefrunon
hu ða æpelingas ellen fremedon.
Oft Scyld Scefing sceaþena þreatum
monegum mægþum meodosetla ofteah
egsode eorlas syððan ærest wearð
feascaft funden. [...]

Him ða Scyld gewat to gescæphwile
felahror feran on frean wære.
Hi hyne þa ætbæron to brimes faroðe
swæse gesiþas swa he selfa bæd
þenden wordum weold wine Scyldinga
leof landfruma lange ahte.

Ðær æt hyðe stod hringedstefna
isig ond utfus æpelinges fær
aledon þa leofne þeoden
beaga bryttan on bearm scipes
mærne be mæste.

[“Ouçam! Dos guerreiros daneses
dos dias de outrora nós
ouvimos falar da glória dos reis de sua tribo,
de como aqueles príncipes realizaram feitos de coragem!
Por diversas vezes Scyld Scefing
de tropas inimigas
de muitas tribos tomou os salões,
aterrorizou guerreiros; ainda que a princípio se
encontrasse desamparado. [...]

Scyld então partiu quando sua hora chegou,

ainda cheio de vigor, para junto dos cuidados do Senhor.
Eles o carregaram para a beira do mar,
seus companheiros mais próximos, assim como ele havia ordenado
enquanto ainda podia dar ordens, o senhor dos scyldingas
o amado chefe que havia governado por tanto tempo.
Lá na costa estava de proa curvada,
gélida e pronta para zarpar, a embarcação de um príncipe;
lá eles deitaram seu amado rei,
doador de anéis, no centro da embarcação,
grandiosa com seu mastro.”] (Tradução nossa)

Neste trecho, como muitos outros, é possível perceber alguns indícios de que a história contada em *Beowulf* se passa em um território que possui costumes escandinavos, como no próprio funeral do rei Scyld, onde seu corpo é preparado para o rito funerário dentro de uma embarcação, além de mais adiante no poema termos uma descrição sobre seus tesouros e conquistas colocados junto a ele na embarcação. Contudo também é possível perceber um pequeno indício cristão neste trecho, onde diz que após sua morte o rei se dirige aos cuidados do Senhor, deixando claro já uma inclinação do texto a ter uma base cristã como contexto religioso.

Para nos aprofundarmos desta questão e elucidarmos nossa fonte, antes se faz necessário nos debruçarmos sobre o poema em si, analisando sua narrativa e sua (provável) origem. Feita essa análise, para que de fato possamos adentrar nos “como e porquês” do estudo do poema, e sua criação dada período específico, devemos tornar nossas observações para o contexto sociopolítico das Ilhas Britânicas, destacando os principais aspectos dessa sociedade Anglo-Saxônica no período das invasões escandinavas e de que maneira esse cenário geral inglês influenciou o poema, sua criação e sua narrativa. Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: Compreender (BLOCH, 2002)

Com as análises da criação do poema e do contexto sociopolítico na qual estava inserido, pretendemos alcançar o objetivo compreender mais o papel do poema *Beowulf* na sociedade contemporânea à sua criação e como esse poema (dentre diversas outras obras literárias medievais) perdurou por todo esse tempo como um inegável clássico que

não apenas representa a literatura inglesa medieval, mas também uma mentalidade medieval de sincretismos e simbologias do período.

2. Beowulf: uma frágil relíquia medieval

Como supracitado, nesse primeiro momento iremos explorar a história e o contexto da obra, tratando de seu caminho histórico e como o poema se tornou uma obra de apreciação geral do público. Procuraremos um possível contraponto de ideias sobre a origem do poema, defendido por alguns autores como Francis Leneghan, da escrita de *Beowulf* ter sua origem ligada ao século VII – VIII, com a forma de escrever mais próxima das características da Ânglia Oriental e da Mercia central da época (LENEGHAN, Francis, p. 6) além de desenvolvermos uma análise da obra, trazendo à tona um pouco do conteúdo do texto e suas simbologias que são exploradas até os dias atuais (com uma intensidade maior em tempos contemporâneos), e refletir um pouco sobre outras análises que são consideradas historicamente importantes – como as famosas palestras do renomado autor J.R.R Tolkien, de *O Senhor dos Anéis* sobre o poema, e a própria tradução do poeta Seamus Heaney, considerada atualmente uma das populares para o texto de *Beowulf*. – mesmo que apresentando muitos problemas academicamente falando, por uso de termos mais semânticos escolhidos pelo autor - Trataremos minuciosamente de diversos traços que cercam este assunto não só para a obra em questão, mas também para compreendermos melhor o período cujo provém o poema.

2.1. Críticas, teorias e o debate acadêmico acerca de Beowulf

J.R.R. Tolkien, em suas palestras/ensaios sobre a obra *Beowulf: The Monsters and the Critics*¹, trouxe à tona o poema como uma obra de arte a ser mais bem apreciada pelo público, talvez possamos até afirmar que este é o maior motivo para a proeminência do texto nos círculos literários, além dos acadêmicos. Antes disso, o estudo e leitura de *Beowulf* era feito inicialmente e principalmente no estudo de língua e literatura inglesa. A obra em si é muito importante por conter representações – isto, se não configuram literalmente estas pessoas – de figuras históricas existentes do período, como os reis

Hrothgar e Hygelac (reinados no século VI d.C), e em alguns casos, somente temos documentação e fontes de referência a partir do poema, por isso sua importância histórica.

Tolkien cita que as análises acerca do poema *Beowulf* possuem diversos problemas, porém o mais grave seria o fato de todos que o analisam, assim o fazem tratando a obra como um documento histórico, e não como um poema, uma obra de arte que se utiliza de figuras e simbolismos místicos para passar uma mensagem sobre o mundo contemporâneo a obra, ou nas palavras do autor:

But I have read enough, I think, to venture the opinion that *Beowulfiana* is, while rich in many departments, specially poor in one. It is poor in criticism, criticism that is directed to the understanding of a poem as a poem. It has been said of *Beowulf* itself that its weakness lies in placing the unimportant things at the centre and the important on the outer edges. . This is one of the opinions that I wish specially to consider. I think it profoundly untrue of the poem, but strikingly true of the literature about it. *Beowulf* has been used as a quarry of fact and fancy far more assiduously than it has been studied as a work of art. (TOLKIEN, 1936, p. 01)²

Se dirigindo a tendência de seus colegas de campo a tentarem interpretar *Beowulf* como uma fonte histórica, ou um documento oficial a ser analisado cientificamente e pura e somente por esse motivo. Tolkien tomou grande inspiração do poema para seus próprios trabalhos e defendeu *Beowulf* e seu autor aonde muitos criticavam sua estrutura. Grande parte destas críticas tentava minar o conteúdo da história como uma de teor artístico, com monstros ‘bobos’ e temas exageradamente simbólicos, uma tendência adotada por críticos e acadêmicos de marginalizar contos de fadas como apenas ‘historinhas infantis’ – pode-se dizer que predecessores de Tolkien nessa linha de pensamento, seriam os Irmãos Grimm, que compilaram e publicaram diversos contos no século XVIII; Tolkien acreditava que era necessariamente isso que fazia desta obra tão importante e atemporal, o fato de que ali se misturava a simbologia/fantasia com a historicidade; e cristandade medieval com os ritos pagãos dos nórdicos do século VI. A partir deste ponto de vista, no estudo dos versos e da linguagem do texto, poderíamos de uma forma pura e inalterada desvendar o espírito da época, e a forma de pensar e criar símbolos das classes proeminentes dos tempos da obra.

Sobre o texto, Tolkien afirma que o autor do poema, assim como na mitologia nórdica, assume uma posição de demonstração de valor e coragem a partir dos atos dos personagens da história, porém ainda contendo, de certo modo, uma visão de futuro e

quadro geral, pessimistas. No *mythos* nórdico, os deuses estão fadados a perder sua luta contra os ditos monstros, com a grande parte de seu panteão morrendo nas violentas batalhas do *Ragnarök*; e Beowulf assume a mesma posição, apesar de ser um grande herói, de valor e coragem sem igual e força sobre-humana, ele ainda é mortal e perece para um dos monstros dessa mitologia – que no poema ‘sofre’ uma direção *quasi-sincretista*, originando o monstro Grendel como membro da tribo de Caim, da Bíblia. Tolkien também afirma – juntamente com vários outros acadêmicos, como Heaney, que o poema foi escrito por apenas um autor (teoria confirmada recentemente pelo estudo de Harvard supracitado, que estudou formas da ortografia, traços do *vellum* no qual o poema foi escrito, além de uma série de perfilhamentos técnicos). Dos monstros, ele afirma que existe uma substância muito importante para a história, o fato de que eles representam males que para uma pessoa comum podem parecer intransponíveis, mas para aquele de valor e coragem – e tendo em mente o autor cristão, podemos adicionar até aquele de fé – pode-se lograr até a vitória sobre tais criaturas, e apesar da derradeira derrota do herói, seu pós vida cheio de recompensas o aguarda, olhando do ponto de vista nórdico pagão, ou medieval cristão.

Ao interpretarmos a obra, percebemos muitos elementos e símbolos sendo explorados. Desde as tensões que já existiam entre os geatas e daneses, e intenções de vários personagens da história. O autor tenta aproximar os personagens da história – dentro de um cenário de uma Escandinávia mítica do século V - VI - de uma realidade cristã da Inglaterra Medieval do século IX - X, e que apesar de os primeiros serem pagãos, são vistos como enganados, que apesar de estarem lutando contra o mal, não sabem de onde esse mal vem, não entendem a profundidade de seus atos. Grendel e sua mãe são chamados de membros da tribo de Caim, mais uma referência cristã. A tribo de Cain teria sido criada após a expulsão do próprio, após ter matado seu irmão Abel, fruto de ciúmes. Outra referência cristã que o autor coloca no texto é a possibilidade (como proposta no ensaio de Kent Gould “*Beowulf*” and *Folktale Morphology: God as Magical Donor*”³) de que a espada que Beowulf usou para matar a mãe de Grendel foi dada por Deus para o herói. Uma possível evidência disso é o fato de que nem mesmo uma espada como Hrunting, que nunca falhou com o homem contra homens, deveria falhar contra um monstro terrível, inimigo de Deus e sua Criação, *ergo*, foi ato divino que possibilitou a vitória do príncipe geatas sobre a segunda fera.

Também existem debates que dizem que há uma possibilidade de Unferth, que era um personagem conhecido por ser acovardado e infiel ter dado a espada para Beowulf por saber que ela lhe falharia, impossibilitando o herói de suceder onde Unferth fracassou (ROSIER, J. L., 1962). Além de referências religiosas, o texto possui diversos temas explorados que abordam o código de honra das classes sociais afluentes da época. Temas como o rei ser chamado de “doador de anéis”, Beowulf repassar suas recompensas ganhadas em suas batalhas contra os monstros para seu rei Hygelac, Beowulf recusar a coroa de Hygelac em favor do filho do rei, que ainda estava vivo, e diversos outros atos heróicos e falas de diversos personagens demonstram o valor do rei, das riquezas, das festividades e de rituais para os povos da época, reforçando que a literatura da época medieval possuía uma demonstração muito importante de valores morais da época. Mais um demonstrativo disto, seria quando após a morte de Beowulf, Wiglaf envergonha seus companheiros de luta, que fugiram da batalha, realçando a ideia da importância de um sacrifício pelo rei, e por Deus.

A tentativa de um bêbado Unferth de humilhar Beowulf em frente do rei Hrothgar enquanto este citava grandes logros dos geatas pode demonstrar um reforço de que Beowulf, sendo um campeão e um exemplo de moralidade e heroísmo, sempre sucederia e ganharia o respeito até mesmo de homens de índole duvidosa, como Unferth, que mais tarde lhe doou a espada de sua família. O próprio ato de Unferth dar sua espada para Beowulf demonstra grande valor de afeto conquistado entres os dois, a troca de armas era um gesto muitas vezes considerado importantíssimo para as culturas escandinavas; e se a teoria de J.L Rosier for real, reforça a suposta inveja e impotência de Unferth de tentar manchar a reputação de sua contraparte mais efetiva em combate.

Os monstros da história transmitem a ideia do bem contra o mal e a reparição dessas criaturas, que se mostram cada vez mais assustadoras e poderosas, parece conter a noção de que seria inevitável a derrota no plano terreno, aproximando a ideia da inevitabilidade do destino como aparece na obra do nórdico antigo, que supostamente teria referências pré-cristão que envolve a questão do *Ragnarok*

Fylliz fiqrvi
feigra manna,
rýðr ragna siqt
rauðom dreyra.

Svört verða sólskin
of sumor eptir,
veðr ǫll válynd
Vitoð ér enn, eða hvat?

[“Sacia-se no sangue da vida
dos homens predestinados,
pinta as casas dos poderes de vermelho
com sangue carmesim.
Os raios solares tornam-se negros
nos verões que se seguem,
todos os climas ficam traiçoeiros.
Ainda quer saber? E o quê?”]
(Tradução nossa a partir de DRONKE, Ursula,
1997, p. 18)

Em conclusão, *Beowulf* é um poema de muita profundidade literária, temas filosóficos e religiosos e personagens bem construídos, que fazem jus a tantas análises e teorias sobre seus motivos e determinações. Devido a Tolkien e a tantos outros acadêmicos temos a oportunidade de tentar compreender mais uma das tantas questões que temos no que tange a criação de tal obra.

3. A Inglaterra Anglo-Saxônica: O Contexto Sociopolítico

Neste capítulo contextualizaremos a ilha da Bretanha no período final do século IX, sob o reinado de Alfred O Grande, até o reinado de Athelstan no início do X. Com essa contextualização poderemos compreender melhor nossa fonte histórica, o poema de Beowulf, e elucidar melhor os motivos pelo qual a obra foi escrita da forma na qual a conhecemos hoje. O corte temporal escolhido se deve a grande possibilidade da escrita e conteúdo do poema nos remeter a ele, uma vez que neste período o conflito entre os Escandinavos e os Bretões se intensificava, deixando claro o contato constante que esses povos passam a ter desde então.

3.1. Rei Alfred, o Grande e o período Alfrediano

No ano de 871 toma posse do trono de Wessex o filho mais novo do Rei Æthelwulf, Alfred⁴. A sua posse se dá após adversidades no reinado de seus irmãos mais velhos, sendo o último Athered que reinou de 865 a 871, morto em batalha na defesa dos territórios de Wessex e Mércia contra os avanços vikings. O período de reinado de Alfred (871-899) é marcado por uma grande produção literária, sua corte era composta por muitos letrados que se dedicavam a produção textual como descrito por Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2013 p. 114). No próprio ano de 871 temos as primeiras invasões ao território de Wessex, em Reading, que apesar de muitas baixas para ambos os lados, como descrito nas Crônicas, os Saxões não conseguem conter o avanço viking, ainda resultando na morte do rei de Wessex, Ethered. Tendo em mente que as Crônicas começam a ser incentivadas a serem escritas no reinado de Alfred, podemos observar já na descrição dos fatos, o grande grau de importância e detalhes em relação às batalhas que Alfred trava com os vikings, legitimando a grandeza da família real de Wessex, como exposto no trecho:

A.D. 871. In this year the army came into Wessex to Reading, and three days later two Danish earls rode farther inland. Then Ealdorman, Aetheowulf encountered them at Englefield, and fought against them there and had the victory, and one of them, whose name was Sidroc, was killed there. Then four days later King Ethelred and his brother Alfred led a great army to Reading and fought against the army; and a great slaughter was made on both sides and Ealdorman Aetheowulf was killed, and the Danes had possession of the battle-field.⁵ (WHITELOCK, 1979. P. 197)

Do ano de 871 a 878 as investidas vikings não cessaram. Boa parte ocorreu no território da Mércia, que por dois anos seguidos se viram obrigados a fazer um tratado de paz com os invasores, mas também há invasões na Northumbria, sendo forçados a tomar as mesmas decisões da Mércia. Os então denominados pelas Crônicas como “*the army*”, liderados principalmente pelo rei escandinavo Guthrum, avança por todo o território Saxão, porém é no ano de 878, na batalha de Edington, que o rei Alfred consegue uma vitória significativa contra o exército de Guthrum, o que força os invasores a recuarem e seu líder fazer a paz com Alfred, aceitando como uma das condições que o líder

escandinavo se submetesse ao cristianismo, sendo batizado assim com o nome de Æthelstan.

Desta maneira, as invasões a Wessex acabaram. Grande parte da vitória dos saxões se deve a uma estratégia, que mesmo não sendo novidade nas batalhas travadas por Alfred, se tornam usadas com uma frequência muito maior, chamadas *buhrs*, como destaca Medeiros:

A primeira conclusão que podemos tirar a respeito deste momento é que se não fosse por Alfred, toda a Inglaterra teria caído nas mãos dos escandinavos. Alfred deve seu sucesso principalmente devido a tática que utilizou, e que acabara tendo continuidade com seus descendentes (principalmente Edward I e Æthelstan, que os espalham por toda Inglaterra). Seu mérito está na utilização dos *buhrs*, sendo de tal eficiência que graças a eles os vikings não conseguiram tomar Wessex e favoreceu os Anglo-Saxões a poderem contra-atacar (MEDEIROS, 2006, p. 48).

A vitória na batalha de Edington se torna um ponto de virada importante no processo de invasão viking, uma vez que a partir daí, o rei Alfred passa recuperar alguns territórios perdidos na Mércia e Northumbria e firma com Guthrum um importante tratado chamado *Danelaw*.

A *Danelaw* consistia numa divisão de territórios entre os dois reis onde delimitava onde seria o poder de influência de ambos, Guthrum ficando com a parte mais oriental da ilha e Alfred com a Ocidental. Segundo Albuquerque (ALBUQUERQUE, Isabela, 2013, p. 112) o objetivo da *Danelaw* era delimitar onde cada liderança podia atuar e garantir a proteção de escandinavos livres em território saxão e vice-versa. É importante ressaltar que a *Danelaw* não impedia que ambos os povos se vissem como inimigo, apenas os forçava a conviver entre si, o que no processo acaba por ter assimilações de ambos os lados (algo importante quando tratarmos da nossa fonte mais a diante).

Tendo em mente a rivalidade dos povos que ainda permanecia é possível notar nas produções literárias do reinado de Alfred essa instabilidade, sempre vendo o outro como inimigo. Segundo Withelock (WHITELOCK, Dorothy, 1979. P. 32), assim como Carlos Magno, Alfred acreditava que seus problemas como rei seriam resolvidos se ele tivesse a consciência de seus deveres como Cristão, sendo assim, seu dever como rei assim demandado por Deus era se firmar contra os Vikings pagãos, essa consciência em fazer seu dever de acordo com a vontade de Deus, é disseminada pelas dioceses de

Wessex, esse modo de pensar de Alfred então, teria sido assimilado pelo seu povo contra a presença viking.

Alfred ainda durante seu reinado se expande para o leste reconquistando Londres (que daria origem a Denelaw) e o território de Kent, Medeiros (MEDEIROS, Elton, 2006, p. 42) destaca que apesar da inimizade entre Wessex e os escandinavos, foi graças a eles que Alfred pode consolidar o poder da família real de Wessex e unificasse toda Inglaterra sob sua coroa. É inegável a importância e a grandiosidade de Alfred, mas como Withelock (WHITELOCK, Dorothy, 1979.) pontua, grande parte da sua grandiosidade se deve as exaltações e manipulações feitas nos escritos em sua época, na intenção de enaltecer seus feitos e sua linhagem.

Rei Alfred com a Denelaw abre caminho então para que seus sucessores Edward I, O Velho e Athelstan firmassem a influência dos saxões no território inglês com grande eficiência. Edward por sua vez, foi quem deu início ao processo de hegemonia de Wessex, mesmo enfrentando problemas políticos internos, com a Mèrcia e York. Durante seu reinado formou importantes alianças para Wessex, principalmente com a Mèrcia e os galeses, o que lhe deu uma posição de força suficiente para enfrentar assentamentos escandinavos que ainda resistiam, porém segundo as Crônicas Anglo-Saxônicas (doravante CAS), o ponto alto de seu reinado se dá no seu final no ano de 923, onde foi até Bakewell se encontrando com líderes como: Constantino, rei dos escoceses, Raegnald, rei de York, Ealdread e o rei de Strathclyde, que resultou na submissão de todos a Edward I, como cita trecho das CAS:

A.D. 923. In this year, before midsummer, King Edward went wjth the army to Nottingham, and ordered to be built the borough on the south side of the river, opposite the other, and the bridge over the Trent between the two boroughs. Then he went from there into the Peak district to Bakewell, and ordered a borough to be built in the neighbourhood and manned. And then the king of the Scots and all the people of the Scots, and Ragnald, and the sons of Eadwulf and all who live in Northumbria, both English and Danish, Norsemen and others, and also the king of the Strathclyde Welsh and all the Strathclyde Welsh, chose him as father and lord.⁶ (WHITELOCK, Dorothy, p. 219)

No ano seguinte de 924, Edward I, O Velho morre, deixando para seu filho Athelstan, segundo Medeiros (MEDEIROS, Elton, 2006, p.73), um território do reino de

Wessex duas vezes maior que o de seu pai Alfred, promovendo assim o avanço da consolidação da hegemonia de Wessex na Inglaterra.

4. A linhagem Real de Athelstan

Um fator essencial para termos uma melhor compreensão da importância que Beowulf teve na época em que foi escrito, devemos nos atentar as linhagens reais medievais, mais especificamente britânicas do período. A ideia de linhagens reais é um fator comum a diversas sociedades medievais, onde, como discorre Bloch:

Os reis normandos da Inglaterra reivindicaram a sucessão dos príncipes anglo-saxões, considerando-a um bem patrimonial. Dos chefes das antigas tribos de francos, anglo ou saxões aos soberanos franceses ou ingleses do século XII, a filiação é direta e contínua. [...] Dessa fé na origem sobrenatural dos reis decorria um sentimento lealista. Não era lealdade a este ou àquele indivíduo: a primogenitura não existia; o direito hereditário no interior da dinastia era mal fixado; podia-se mudar o soberano, mas desde que seu sucessor fosse escolhido dentre os membros da mesma dinastia. (BLOCH, Marc, 2018, p. 195)

Essa noção de que as linhagens sagradas era um fator central na legitimação do poder sagrado e político dos reis se aplica também a Athelstan, que vem de uma linhagem repleta de figuras lendárias da cosmologia cristã e escandinava. Para termos uma visão clara da importância das linhagens reais, mais especificamente na linhagem do rei Athelstan, chamamos atenção ao ano 855 referenciado nas CAS na qual se é descrito a morte do Rei Æthelwulf (bisavô de Athelstan) e se é apresentada toda sua linhagem “mítica” que justificaria seu poder na Inglaterra e seu direito de reinar, como citam as Crônicas:

And they were sons of Cenred. Cenred was the son of Ceolwold, the son of Cutha, the son of Cuthwine, the son of Ceawlin, the son of Cynric, the son of Creoda, the son of Cerdic. Cerdic was the son of Elesa, the son of Esla, the son of Gewis, the son of Wig, the son of Freawine, the son of Freothogar, the son of Brand, the son of Baddaeg, the son of Woden, the son of Frealaf, the son of Finn, the son of Godwulf, the son of Geat, the son of Taetwa, the son of Beaw, the son of Sceldwa, the son of Heremod, the son of Itermon, the son of Hathra, the son of Hwala, the son of Bedwig, the son of Sceaf, i.e. the son of Noah. He was born in Noah's ark. Lamech, Methuselah, Enoch, Jared, Mahalaleel, Cainan, Enos, Seth, Adam the first man and our father, i.e. Christ. [Amen.]⁷ (WHITELOCK, Dorothy, 1979. P. 195).

Esse método de legitimação ao trono e ao poder régio pode também ser observado na descendência real do rei Alfred, onde em sua biografia escrita pelo monge Asser, monge galês que serviu ao rei Alfred, cita que Alfred seria descendente da maioria das figuras presentes nas CAS em relação à Æthelwulf, tendo em sua linhagem, como destacado por Medeiros:

Rei Alfred era filho do Rei Æthelwulf, o filho de Egbert, Æthelwulf era o filho de Egbert, o filho de Ealhmund, o filho de Eafa, o filho de Eoppa, o filho de Ingild. Ingild e Ine, o famoso rei dos Saxões do Oeste, eram dois irmãos; Ine viajou para Roma, e honradamente findou esta vida presente lá e entrou na terra celeste para reinar com Cristo. E eles eram filhos de Cenred, o filho de Ceowold, o filho de Cutha, o filho de Cuthwine, o filho de Ceawlin, o filho de Cynric, o filho de Creoda, o filho de Cerdic, o filho de Elesa, o filho de Gewis (devido ao qual os galeses chamaram toda aquela raça de *gewisse*), o filho de Brand o filho de Bældæg, o filho de Woden, o filho de Frithuwald, o filho de Frealaf, o filho de Frithuwulf, o filho de Finn, o filho de Godwulf, o filho de Geat (a quem os pagãos adoraram por muito tempo como um deus), (...) o filho de Tætwa, o filho de Beaw, o filho de Sceldwa, o filho de Heremod, o filho de Itermon, o filho de Hathra, o filho de Hwala, o filho de Bedwig, o filho de Seth, o filho de Noé, o filho de Lamech, o filho de Methuselah, o filho de Enoc (filho de Jared), o filho de Mahalaleel, o filho de Cainan, o filho de Enos, o filho de Seth, o filho de Adão. (MEDEIROS, Elton, 2006, p. 64-65)

Como se pode observar, existem tanto figuras reais e míticas nas descendências de Atheulf e Alfred, como por exemplo, onde se cita a linhagem a partir de Woden (Odin, Deus escandinavo) até Sceldwa. Um nome se destaca nessa suposta árvore genealógica, Beaw, que podemos relacionar a figura de Beowulf, trazendo consigo uma incógnita, sendo qual seria o motivo desse personagem de um poema fictício em suas linhagens em um período de menos de um século?

4.1.O caso de Athelstan

Após a morte do Rei Edward, Athelstan (seu filho) se torna o novo monarca de Wessex, dando continuidade no pensamento da consolidação da casa de Wessex em território britânico. Diferente de seu pai que enfrentava problemas com o reino da Mércia, Athelstan, por ter sido criado em dito reino, não encontra essa dificuldade tendo uma proximidade e um diálogo melhor com a aristocracia do reino supramencionado, eliminando assim um dos problemas centrais de Edward que era sua desavença com Mércia.

No ano de 927, Athelstan retorna a reunião mencionada previamente no capítulo anterior juntamente com os diversos reis das outras cortes e casas reais inglesas, realizada por seu pai Edward, a fim de reafirmar a sua legitimidade como soberano entre os senhores presentes, se tornando assim o líder supremo de todo território inglês. Com o reinado de Athelstan, a Inglaterra passa por um período de relativa paz nunca visto até então, tendo eventos importantes ocorrendo apenas no final do reinado de Athelstan. Algo importante a se destacar é a composição da corte do Rei, composta por saxões e escandinavos, sendo esses responsáveis por territórios de domínio escandinavo, inclusive territórios importantes como a Nortumbria, sendo nomeados de Earls (uma espécie de cargo militar entre tribos germânicas).

Como é possível observar a partir da composição da corte de Athelstan, se nota que não se tratava mais de uma disputa, um conflito, territorial ou cultural, uma vez que os escandinavos já faziam parte da composição social dessa nova Inglaterra. As diferenças se faziam presentes, como apontam as CAS, notoriamente no campo religioso, já que os escandinavos possuíam sua própria nomenclatura (Dane) porém eram sempre retratados como pagãos primeiro, dando um enfoque a sua não cristandade em vez de apontar propriamente sua não pertença ao território britânico, como cita Medeiros:

O que temos então é uma convivência entre anglo saxões e escandinavos, regulamentada por leis desde o final do século IX até meados do século X. [...] O que temos é uma diferença, um confronto no campo religioso e não territorial. Não era visto como um confronto entre escandinavos e anglo saxões, mas sim entre cristãos e pagãos. Sendo assim, não seria de todo estranho uma casa real saxã (como Wessex) possuir entre seus ancestrais escandinavos (no caso dinamarqueses) como aparece em Beowulf e na genealogia do Rei Aetheulf, pois eles eram cristãos. (MEDEIROS, Elton, 2006, p. 80)

Com as evidências postas a luz no presente artigo, podemos concluir então que o poema Beowulf, por trazer elementos da cultura escandinava e principalmente da cultura cristã relacionados a uma ideia de uma linhagem mítica-histórica como forma de legitimação do poder régio de Athelstan, podemos concluir que possivelmente o poema (fonte desse artigo) está diretamente ligado a corte do rei Athelstan e ao período

alfrediano, uma vez que em sua corte Athelstan possuía representantes tanto saxões quanto escandinavos, fazendo com que a leitura e a propagação do poema se faça entendida para todos daquela aristocracia inglesa, ressaltando que no período medieval, o uso de simbolismos se faz presente em todos os âmbitos e mentalidades dessa sociedade europeia medieval.

Outra evidência que podemos ter é a partir dos estudos de John Hill, onde em sua obra ele discorre sobre a sua trajetória a cerca dos estudos do poema e relata:

Wiglaf, Beowulf's most loyal relative and retainer, has just previously declared , in gnomic manner one who states self-evident truth, that ' Death is better than a life of shame, for Every earl (eorla gehurwylcum)' So what, then, is this band of 'earls' doing, sitting passively while their leader fights and die? Even the cowards who Wiglaf has just berated and threatened did at least go as far as the dragon' mound; and yet there is no sign that the poet means any criticism of these men, or their social class, or their social structure.⁸ (HILL, John, 2010. P. 253)

Podemos novamente constatar alguns estudos onde mostra a tentativa de moldar um comportamento social entre os ouvintes ou leitores do poema, já que a covardia e a deslealdade com o seu senhor se fazem mais punitiva que a própria morte, onde está fuga da luta contra o dragão, por parte de alguns earls subordinados a Beowulf, como relatado no poema, acarreta somente em uma vida de vergonha, pior que a morte.

Em suma, acreditamos que a criação do poema Beowulf foi utilizada como forma de propaganda para legitimar o reinado de Athelstan se baseando em sua genealogia mítica e síncrona da cultura escandinava e inglesas vigentes a época, além de uma tentativa de moldar uma conduta entre os ouvintes em relação ao seu contexto social.

5. Considerações finais

Esse contato profundo entre as duas culturas pode ser percebido em diversos aspectos da sociedade anglo-saxônica da época, tanto em obras literárias como também na arquitetura e simbologia dessa sociedade, como por exemplo, como cita Medeiros (MEDEIROS, Elton, 2006, p.49-50), a cruz da igreja em Gosforth localizada em Cumbria que foi esculpida em estilo semelhante ao Céltico, porém que porta uma simbologia e uma inscrição que remete ao Ragnarok (o equivalente ao apocalipse cristão na cosmologia

escandinava). Essa influência e mistura cultural que ocorreu entre os anglo-saxões e os escandinavos pode também ser notada claramente no poema *Beowulf*, como já discorreremos a respeito.

Ao analisarmos o poema e seus diversos aspectos culturais e simbólicos presentes nesse trabalho, podemos compreender que possivelmente os ouvintes do poema recitado, compreenderiam seus conteúdos, uma vez que abordava tanto aspectos escandinavos como cristãos, trazendo a ideia da linhagem mítica do herói como forma de legitimação (utilizada nas linhagens de Athelstan, por exemplo, como supracitado), mas também na maneira como demonstra como um verdadeiro monarca/aristocrata deveria se portar, ou seja, podemos falar que o poema possivelmente estaria sendo usado como um código de conduta, como por exemplo a chegada de *Beowulf* ao salão real do Rei *Hrothgar*, *Heorot*, onde pede permissão para adentrar ao local, diferente de *Grendell*, o monstro, que é a representação oposta da figura de *Beowulf*, sendo irracional, impulsivo e soberbo.

Como destaca *Whitelock*:

The poet has perhaps conveyed something of permanent value that is above the accidents of time and place and has survived the ravages of the centuries. I think he has. [...] I should like to know what effect the poet was consciously striving to produce on the men of his own time.⁹ (*WHITELOCK*, 1958, p. 3)

Como citado por *Whitelock*, os aspectos simbólicos presentes no poema provavelmente faziam total sentido para os homens de sua época; o que para nós atualmente se tornaria nebuloso ao lermos o poema, para os contemporâneos da obra, faria total sentido, o que denota uma função ativa do poema e sua simbologia de repassar uma mensagem e, como supomos, afirmar a legitimidade do rei em voga. Para o poema ter realmente essa função ativa de transmissão de uma mensagem objetiva, se é necessário recitá-lo a uma plateia que possua conhecimentos prévios acerca do tema, como aponta *Whitelock*:

People like to understand what they are told; in fact, many a story has been given a new turn in the telling by an attempt to explain a feature which has for some reason become obscure. Unless the poet could count on his audience's previous knowledge, not only would much of what he had to say have lost all significance, but He would surely have been running the risk of interruption.¹⁰ (*WHITELOCK*, Dorothy, 1958, p. 37)

Mais uma fonte que nos ajuda a entender melhor como a ideia identitária entre os povos Anglo-Saxões e os escandinavos já não era mais a mesma do início das invasões vikings, é o *The capture Of The Five Boroughs* [“A Captura das Cinco Cidades”, em tradução livre], onde na fonte é possível perceber uma nova questão identitária no meio social da Inglaterra medieval da época:

Her Eadmund cyning, Engla þeoden,
mæcgea mundbora, Myrce geeode,
dyre dædfruma, swa Dor scadeþ,
Hwitanwyllesgeat and Hundra ea,
brada brimstream. Burga fife,
Ligoraceaster and Lincylene
and Snotingaham, swylce Stanford eac
and Deoraby. Dæne wæran æror
under Norðmannum nyde gebegde
on hæþenra hæfteclommum
lange þrage, oþ hie alyside eft
for his weorþscipe wiggendra hleo,
afera Eadweardes, Eadmund cyning.

[“Aqui o rei Edmund, líder dos ingleses, guardião dos homens, querido perpetrador de feitos, conquistou a Mércia – assim demarcada por Dore, Whitewell Gate e o rio Humber, essa grande corrente d’água – e as cinco cidades: Leicester e Lincoln, e Nottingham, assim como Stanford e também Derby. Antes os daneses estavam submetidos á força sob o jugo dos homens do norte, por muito tempo cativo dos pagãos. Até que novamente fossem libertos pela glória do guardião dos guerreiros, o filho de Edward, rei Edmund”] (“A Captura das Cinco Cidades”, **Crônica Anglo-Saxônica** § 942; Tradução de Elton Oliveira Souza Medeiros)

Com a leitura dessa fonte fica mais claro entender que já não era tão abrupta a divisão entre os povos no território que hoje é a Inglaterra, nos chama a atenção a titulação de Edmund, como o “líder dos ingleses”, já trazendo consigo a conotação de que se está criando entre os Anglo-saxões da época uma ideia de identidade local e “nacional”. Contudo o que mais nos chama a atenção é a diferenciação entre Daneses e homens do

norte, podemos subentender a partir dessas duas nomenclaturas, que a ideia do viking como o invasor já não é mais aplicada aos escandinavos que se assentaram no território da Danelaw, esses daneses agora já faziam parte do ideal identitário inglês, uma vez que ainda existia uma diferenciação entre eles. Por outro lado, é transmitida a velha ideia do invasor viking, agora nomeada de homens do norte, sendo aqueles ainda sendo apontados com a maior característica que os marcava para os Anglo-saxões, o paganismo. Reforçamos assim a construção que esse artigo debateu até aqui acerca da mescla cultural entre anglo-saxões e escandinavos, além desses “novos” daneses fazerem parte da corte de Athelstan, como discorrido anteriormente, conseqüentemente também da corte de Edmund, eles também já estavam sendo diferenciados do invasor viking como antes se tinha o pensamento de qualquer escandinavo no território.

Dessa maneira, viemos a confirmar nossa hipótese de que o poema pode ter sido escrito da forma como o é de maneira intencional devido à mescla de cultura profunda ocorrida entre os dois povos. Onde, em suma, após tomadas as conclusões com base no estudo do poema, podemos teorizar que a representação de Beowulf como um herói possa ser uma analogia criada intencionalmente como forma de representar a grandeza do rei Athelstan, uma vez que nossas análises nos levam a concluir que a fonte foi produzida em seu reinado, não seria estranho então se a imagem de Beowulf remetesse a imagem do rei, que utilizar-se-ia do poema como forma de legitimar seu poder e sua posição como o senhor de toda a Inglaterra. Adicionando a essa conclusão, temos o fato de a linhagem familiar real de Athelstan, desde seu bisavô Æthelwulf, usar em sua cronologia a figura de Beowulf e Woden como sendo seus antepassados diretamente, fortalecendo assim essa linha de pensamento.

É importante nos atentarmos também a outros fatores em que podemos considerar como uma possível origem da nossa fonte, alguns estudos acerca dos estilos de escrita da época apontam alguns pontos importantes no que diz respeito a composição literária e estrutural do poema, é possível destacar autores como Francis Leneghan que em sua recente obra dispõe em sua composição algumas características estruturais do poema como a métrica semelhantes a outros manuscritos encontrados em meados do final do VII com o início do VIII, como destaca:

Although the matter of the origin of Beowulf remained unsettled, there is now an increasing body of linguistic, metrical and cultural evidence to support the view

that the work originated in na Anglian-speaking region of Anglo-Saxon England, probably the central Kingdom of Mercia, during the late -seveth or early-eighth century.¹¹ (LENEGHAN, Francis, 2020, p. 06)

Não só fatores culturais e sociais influenciam de fato em compreender a verdadeira origem do poema, é importante considerarmos uma variedade de fatores que podem surgir da análise de uma fonte. A nossa análise se atenta ao corpo geral da obra como ela chegou a nossa atualidade, possuindo elementos culturais e a composição social nas épocas antecedentes ao século XI. Talvez seja interessante levantarmos questionamentos a cerca do próprio conteúdo do poema, seria ele de fato criado somente a satisfazer as questões de legitimação do rei de Wessex. Podemos entender ele, talvez, como uma tradição oral transpassada a longa data até os dias em que de fato se tornou um documento escrito, sofrendo neste processo alterações que melhor correspondesse a ideias e questionamentos da época em que estava sendo contado.

6. Fontes

HEANEY, Seamus. **Beowulf, a new verse translation**. New York: W. W. Norton & Company; bilingual edition, 2001.

WHITELOCK, Dorothy; DOUGLAS, David C. **English Historical Documents c. 500 – 1042**. London: England. Routledge, 1979, 2º ed.

6.1. Bibliografia

ALBURQUERQUE, Isabela. *A furore normannorum libera nos, Domine: a invasão dos vikings à Inglaterra de Alfred, o Grande (século IX)*. Revista Navigator 17, 2013. Disponível em:

<https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/503/48>

6 . Acesso em: 19 Nov. 2021.

ALBURQUERQUE, Isabela. **Culturas em contato: anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra durante a Era Viking (793-1016)**. Brathair, Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, 2017,. Disponível em:

<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/1387/1136> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England**. London: Routledge, 1998.

BRITISH LIBRARY. **Beowulf**. Artigo da instituição, [s.n.]. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/beowulf> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: Ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2002, pg. 128.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio na França e Inglaterra**. São Paulo Companhia das Letras, 2018. 2º ed, pg. 70-71.

GIBBONS, Fiachra. **Beowulf Slays The Wizard**. The Guardian, 2000. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2000/jan/26/costabookaward.seamusheaney> . Acesso em 19 Nov. 2021.

GOULD, Kent. **Folklore**. Taylor & Francis, Ltd. Vol. 96, No 1 (1985), pp. 98–101. Disponível em: <https://fddocuments.in/document/beowulf-and-folktale-morphology-god-as-magical-donor.html> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

HILL, John, **On the Aesthetics of Beowulf and Other Old English Poems**, Toronto: University of Toronto Press, 2010

LENEGHAN, Francis, **The Dynastic Drama of Beowulf**, Cambridge: D.S. Brewer, 2020

MEDEIROS, Elton O. S. de. O que Beowulf tem a ver com Cristo? Reflexões sobre abordagem e problemática metodológica. São Paulo: Revista *Signum*, 2019, vol. 20, n. 1.

MEDEIROS, Elton O. S. de. **O Rei, o Guerreiro e o Herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico**. São Paulo: Dissertação de Mestrado pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2006.

MEDEIROS, Elton O. S. de. Dinamarqueses, Daneses ou Vikings? Problemas Metodológicos e Identitários na Inglaterra da Alta Idade Média, São Paulo: **Roda da Fortuna**, Revista eletrônica sobre Antiguidade e Medievo, 2020, Número 2, p. 157-181.

NEIDORF, Leonard, et al. Large-scale quantitative profiling of the Old English verse tradition. Revista **Nature Human Behaviour**, 2019. Disponível em:

https://www.nature.com/articles/s41562-019-0570-1.epdf?sharing_token=ao1q4vhOVzIEcUt9mIBVI9RgN0jAjWeI9jnR3ZoTv0MTborb8iZJICrN9mJZ1gQBAOIF6jGQuYcjSmJYTiRGXFbWGCATx5amCMsYuZ91d0NFgePHLgTWaw0WgK3uXw1f_T8XjWbizVmrUqG-Bs2m5GvrcjrisLVA26t57W1nVxnnRq7L-Y5x-cbMJed5AKCtC3dPZYPgVdhvRxZwwHvejM3raNn7ayotMFBvX4iIpU%3D&tracking_referrer=arstechnica.com . Acesso em: 19 Nov. 2021.

PANTON, Kenneth J. **Historical Dictionary of the British Monarchy**. Lanhan: England. Scarecrow Press, 2011.

RICHARDS, Julian D. **Viking Age England**. Stroud: The History Press, 2010. p 26.

ROSIER, J.L. **A Design for Treachery: The Unferth Intrigue**. PiMLA, 1962.

SHAPIRO, James. **A Better Beowulf**. New York: The New York Times on the Web, 2000. Disponível em:

<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/02/27/reviews/000227.27shapirt.html> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

TOLKIEN, J. R. R.. **Beowulf: The Monsters and the Critics**. Sir Israel Gollancz Lecture, 1936. Disponível em:

<https://jenniferjsnow.files.wordpress.com/2011/01/11790039-jrr-tolkien-beowulf-the-monsters-and-the-critics.pdf> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

WHITELOCK, Dorothy. **The Audience of Beowulf**. Oxford: Clarendon Press, 1958.

Notas

¹ Para acesso ao ensaio na íntegra de Tolkien, acessar:

<https://jenniferjsnow.files.wordpress.com/2011/01/11790039-jrr-tolkien-beowulf-the-monsters-and-the-critics.pdf> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

² [“Mas eu li o suficiente, eu acho, para arriscar a opinião de que Beowulfiana é, embora rica em muitos departamentos, especialmente pobre em outras. É pobre em crítica, crítica que se dirige à compreensão de um poema como poema. Já foi dito do próprio Beowulf que sua fraqueza está em colocar as coisas sem importância no centro e as importantes nas bordas externas. . Esta é uma das opiniões que desejo considerar especialmente. Acho que é profundamente falso em relação ao poema, mas surpreendentemente verdadeiro em relação à literatura sobre ele. Beowulf tem sido usado como uma vítima de fato e fantasia muito mais assiduamente do que tem sido estudado como uma obra de arte.”] (tradução nossa)

³ Para ler o ensaio de Kent Gould, acessar: <https://documents.in/document/beowulf-and-folktale-morphology-god-as-magical-donor.html> . Acesso em: 19 Nov. 2021.

⁴ Para saber mais sobre a vida e o regime político de Alfred, o Grande, recomendamos: ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, Kingship and Culture in Anglo-Saxon England**. Routledge, 1998. ISBN: 9780582040472

⁵ [“871 d.C. Neste ano o exército entrou em Wessex por Reading, e três dias depois dois earls dinamarqueses cavalgaram mais para o interior. Então Ealdorman, Aetheowulf os encontrou em Englefield, e lutou contra eles lá e teve a vitória, e um deles, cujo nome era Sidroc, foi morto lá. Então, quatro dias depois, o rei Ethelred e seu irmão Alfred lideraram um grande exército para Reading e lutaram contra o exército; e uma grande matança foi feita em ambos os lados e ealdorman Aetheowulf foi morto, e os dinamarqueses tomaram posse do campo de batalha”] (Tradução nossa)

⁶ “[923 d.C. Neste ano, antes da metade do verão, o rei Edward foi com o exército para Nottingham, e ordenou que fosse construído uma vila do lado sul do rio, em frente a outra, e a ponte sobre o Trent entre os duas vilas. Então ele foi de lá para o distrito de Peak até Bakewell, e ordenou que uma vila fosse construído no bairro e uma guarnição. E então o rei dos escoceses e todo o povo dos escoceses, e Ragnald, e os filhos de Eadwulf e todos os que vivem na Nortúmbria, tanto ingleses quanto dinamarqueses, nórdicos e outros, e também o rei de Strathclyde Welsh e todos os Strathclyde Welsh, escolheu-o como pai e senhor.”] (Tradução nossa)

⁷ [“E eles eram filhos de Cenred. Cenred era filho de Ceolwold, filho de Cutha, filho de Cuthwine, filho de Ceawlin, filho de Cynric, filho de Creoda, filho de Cerdic. Cerdic era filho de Eles, filho de Esla, filho de Gewis, filho de Wig, filho de Freawine, filho de Freothogar, filho de Brand, filho de Baddaeg, filho de Woden, filho de Frealaf, filho de Finn, filho de Godwulf, filho de Geat, filho de Taetwa, filho de Beaw, filho de Sceldwa, filho de Heremod, filho de Itermon, filho de Hathra, filho de Hwala, filho de Bedwig, filho de Sceaf, ou seja, filho de Noé. Ele nasceu na arca de Noé. Lameque, Matusalém, Enoque, Jared, Mahalaleel, Cainã, Enos, Sete, Adão, o primeiro homem e nosso pai, ou seja, Cristo. [Amém.]”] (Tradução nossa)

⁸ [“Wiglaf, o parente mais leal e retentor de Beowulf, acabou de declarar anteriormente, de maneira gnômica, aquele que afirma uma verdade evidente, que "A morte é melhor do que uma vida de vergonha, para todo conde (eorla gehurwylcum)" Então, o que, então, é esse bando de 'condes' fazendo, sentados passivamente enquanto seu líder luta e morre? Mesmo os covardes que Wiglaf acaba de repreender e ameaçar foram pelo menos até o monte do dragão; e, no entanto, não há sinal de que o poeta queira fazer alguma crítica a esses homens, ou sua classe social, ou sua estrutura social.”] (Tradução nossa)

⁹ [“O poeta talvez transmitiu algo de valor permanente que está acima dos acidentes de tempo e lugar e sobreviveu à devastação dos séculos. Eu acho que ele tem. [...] Gostaria de saber que efeito o poeta se esforçava conscientemente por produzir nos homens de seu tempo”] (Tradução nossa)

¹⁰ [“As pessoas gostam de entender o que lhes é dito; de fato, muitas histórias receberam um novo rumo na narrativa por uma tentativa de explicar um aspecto que por algum motivo se tornou obscuro. A menos que o poeta pudesse contar com o conhecimento prévio de seu público, não apenas muito do que ele tinha a dizer perderia todo o significado, mas ele certamente estaria correndo o risco de ser interrompido.”] (Tradução nossa)

¹¹ [“Embora a questão da origem de Beowulf tenha permaneça incerta, há agora um corpo crescente de evidências linguísticas, a respeito das métricas e da cultura para apoiar a visão de que a obra se originou em uma região de “dialeto” anglio do inglês antigo da Inglaterra anglo-saxônica, provavelmente o reino central da Mércia, durante o final do século VII ou início do VIII.”] (tradução nossa)